

OPINIÃO

A vinculação do ANDES-SN à Conlutas é positiva para o Movimento Docente?



Ademar Michels, 55 anos, professor do Departamento de Engenharia Mecânica.

"A vinculação é interessante. O ANDES não consegue lutar sozinho. Eu acho que tem que ser uma briga em conjunto, mesmo havendo desavenças, diferenças, na hora da luta tem que se unir. Caso contrário irão se separar, se dispersar, e assim não se ganha nada, nunca."

Carlos Alberto da Fonseca Pires, 56 anos, professor do Departamento de Geociências

"É uma questão que precisa ser bem refletida, até por que a vinculação do movimento docente a uma ou a outra central sindical sempre foi o 'Tendão de Aquiles' do movimento docente. Hoje, ainda é prematura esta vinculação. A construção da Conlutas, enquanto um fórum de encaminhamento era uma perspectiva interessante, mas no momento em que ela se transforma em outra central sindical, dá um aspecto de um aparelho que pode, eventualmente, estar a serviço deste ou daquele partido político, desta ou daquela corrente que se manifesta dentro do movimento sindical nacional. Acho que o movimento docente não precisa se precipitar em ter uma opção de filiação. A experiência que tivemos com a CUT é uma ferida que não está bem curada. Eu acho que nós temos que pensar e discutir as nossas experiências. Analisar que aspectos foram discutidos, por que não deu certo, por que saímos da CUT, se efetivamente foi uma boa iniciativa a saída, para partir para uma outra perspectiva. Acho que é prematuro, não devemos fazer essa filiação agora."



Dalvan José Reinert, 50 anos, diretor do Centro de Ciências Rurais e professor do Departamento de Solos.

"Nós entendemos que de maneira geral, ainda não estamos completamente informados dos impactos e das relações que podem ter uma vinculação ou não. Em princípio, nós achamos que no movimento sindical tem alguns aspectos que são bastante importantes, como a participação

e a união. Pensando numa ação sindical a longo tempo, vejo como um aspecto bastante positivo essa discussão para nos informarmos e, aí sim, mais para frente, tomarmos uma decisão consciente e com maior participação dos sindicalizados. O sindicato tem sido importante nas últimas décadas para o movimento docente, que tem uma tradição bastante grande nas lutas em termos de carreira, de universidade, de qualidade de ensino e também no aspecto de universidade autônoma. Entendemos a importância, mas ainda é cedo para decidirmos um rumo após a saída da CUT."

A greve, um ano depois

No dia 19 de dezembro de 2005 encerrava-se uma das greves mais longas dos professores das universidades federais. Foram cerca de 100 dias paralisados e, ao final, uma proposta do governo que desagradou a maioria da categoria, pois mexeu basicamente nas gratificações, mas, mesmo não sendo a ideal, representou ganhos financeiros concretos para os docentes. Para o professor do departamento de Ciências Econômicas da UFSM, que já presidiu a SEDUFSM e comandou diversas greves, Ricardo Rondinel, sempre que há paralisações prolongadas vêm

alguns questionamentos, entre os quais se a cidade perde ou ganha com a greve, pois, afinal, os estudantes vão embora, cai o consumo, etc. Quem está certo, pergunta o professor?

Rondinel afirma que no curto prazo, o município pode perder, mas no longo prazo todos ganham. De um lado, a categoria defende a dignidade do seu salário e, por outro, ao obter melhorias em seus vencimentos, acaba por injetar mais recursos na localidade. Sobre a luta por manter um salário digno, o economista ressalta que já vem demonstrando há algum tempo que, 50% do que é percebido atualmente pelos docentes desde 1991, é resultado de movimentos paretistas.

Na última greve, acrescenta Rondinel, apesar de percentuais pequenos de reposição, para alguns, a melhoria foi significativa. Considerando os patamares de inflação corrente, hoje de 3% ao ano, ele calcula que para a cidade de Santa Maria o cheque que o Sindicato dos Docentes entregou ao



final da greve representa um valor aproximado de **R\$ 18 milhões anuais**. Isto equivale a quase 5% do total de salários pagos no setor privado por ano. Segundo ele, esse é um recurso que ajuda a impulsionar o consumo da cidade, gerando mais emprego e renda.

O professor destaca que a greve é um direito do trabalhador e nem sempre traz resultado no curto prazo. Mas, complementa, quando traz, deve ser ressaltado. Ricardo Rondinel faz questão de esclarecer que a forma de trazer recursos para Santa Maria não passa pela realização de greves, paralisações. Entretanto, na visão dele, ao defender seus salários, as condições de trabalho e o ensino gratuito, os professores também estão defendendo a renda da cidade.

Confira no gráfico produzido pelo professor de Economia, um comparativo sobre o que significam R\$ 18 milhões a mais na economia de Santa Maria:

Aumentos da folha de pagamento anual dos Docentes da UFSM

Elaborado pelo Prof. Ricardo Rondinel

3º Grau	
Ativos	R\$ 7.091.449
Aposentados	R\$ 9.294.737
Pensionistas	R\$ 680.028
2º Grau	
Ativos	R\$ 354.814
Aposentados	R\$ 322.848
Pensionistas	R\$ 61.470
TOTAL	R\$ 17.805.345

Este valor equivale a:

- 1) Custo Unitário Básico da construção Civil **19.819m²**
- 2) Cestos Básicos de Santa Maria **133.157 cestos básicos**
- 3) Salário Mínimo Regional **43.861 salários mínimos**